



# CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA


REQUERIMENTO NÚMERO 0173/16.

AUTOR: Vereador **ROBERVAL FRAIZ**

**DESPACHO:**

À COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO.

Araraquara, 29 FEV 2016

  
\_\_\_\_\_  
Presidente


Requeiro, nos termos do Artigo 211-A, do Regimento Interno, que fique constando nos anais desta Casa de Leis, a matéria publicada no jornal "O IMPARCIAL" em sua edição de 28 de fevereiro, do corrente ano, a matéria do caderno "VOCÊ FAZ A HISTÓRIA", em sua página 07, intitulada "SEO GERALDO, O QUERIDO INSPETOR DE ALUNOS".

Dê-se conhecimento desta deliberação a Jornalista Célia Pires, ao Jornal O imparcial, e ao homenageado, "Geraldo Alves de Moraes".

Sala de sessões "Plínio de Carvalho", 01 de março de 2016.

  
**ROBERVAL FRAIZ**  
Vereador

HM.

Aprovado
Araraquara, <u>29 MAR. 2016</u>
 _____ Presidente

# ‘Seo Geraldo’, o querido inspetor de alunos

## Dia 22 de fevereiro ele fez 80 anos. Só de Uniara, são 64 anos

• Célla Pires

Não tem um aluno ao longo de mais de cinquenta anos que tenha frequentado a faculdade Uniara que não tenha uma boa recordação de Geraldo Alves de Moraes.

O desenhista Kiko Lopes, por exemplo, se lembra com alegria da época que ele, Geraldo, ainda vendia sorvetes. “O de abacaxi era um de meus preferidos”, conta ele que ressalta que Geraldo se tornou uma pessoa muito querida.

Geraldo não é de Araraquara, mas acabou fazendo da Morada do Sol, sua cidade. É natural de Borborema. Nasceu em 22 de fevereiro de 1936. Filho de Lazara Rodrigues da Conceição e de Giorgino Alves de Moraes. É irmão

de Sebastião, Linércio, Iracema, Maria, o saudoso Otavio e Benedita. Em Borborema ficou até os 15 anos e ali fez um pouco de tudo: trabalhou na lavoura, puxou leite com carroça, trabalhou com cavalo de corrida.

Uma das coisas em que trabalhou foi ajudar a puxar vaca para o matadouro. Ele conta que o tio tinha um açougue onde ele e um dos irmãos trabalhavam. “Eu era o mascote e fazia uns servicinhos, como lavar os tanques. Sempre fui um moleque fugado e sempre lutei com a vida”.

Nessa época em Borborema o estudo era artigo de luxo, pois a família estava sempre mudando por conta do trabalho do pai que era lavrador e sempre mudava de um sítio para outro. “Cheguei a frequentar a escolinha em Três Barras”.

### Vendedor de sorvete

Quando tinha 15 anos, as irmãs que já moravam em Araraquara trouxeram o restante da família para a cidade e, assim, Geraldo passou a trabalhar com Olavo Felipe que tinha uma tinturaria e que também era maestro da banda. “Eu entregava ternos na rua. Depois passei a trabalhar numa indústria de sorvete, a Polar”.

Enviando sorvete, Geraldo descobriu o colégio São Bento, na Rua 4, onde passou a vender com seu carrinho sorvetes no portão. Com o grande alvoroço dos alunos na porta da escola, ele foi convidado

a entrar para vender do estabelecimento. Vendo ali uma oportunidade, passou a levar outros produtos como balas, amendoins, entre outras coisas. Assim os anos foram se passando. Até que a direção da escola construiu outro prédio. Era a década de 50.

O avô do atual reitor, Luiz Felipe, tinha um grande apreço por Geraldo e chegou nele e disse: “no prédio lá só você para comercializar alguma coisa”. Assim com a anuência do Machadinho foi montada a cantina que ele passou a explorar e onde ficou entre 14 e 16 anos. “Era uma loucura. Vendia baratinho para todos os alunos poderem comprar. Em 1968 o Senhor Luis Felipe sugeriu que eu fosse trabalhar com ele. Já faz 48 anos. Passei a cantina para a Néia

*Ele entregava ternos para o maestro Olavo Felipe que tinha uma tinturaria*

do Cesarino que por sua vez passou para o finado Gibelli. Quem toca a cantina hoje é a mulher dele, a Dona Maria”.

### Um pouco de tudo

Depois que deixou a cantina, Geraldo passou a fazer um pouco de tudo. “O que o Sr. Luiz Felipe me pedia eu fazia. Ele foi muito bom para mim, nossa. Nem um pai faz para um filho o que ele fez por mim. Tenho tudo guardado na minha memória o que ele fez para mim”.

Assim foi tocando ávida na instituição. Algum tempo depois Geraldo passou a ser inspetor de aluno. Já fez 24 anos que se aposentou, mas não se afastou da Uniara e lá permanece ainda atuando.

### Homenagens

Já recebeu várias homenagens. Tem de oito a dez cartões. Da instituição tem dois cartões de ouro e até uma missa foi celebrada pelo seu Jubileu de Ouro na Matriz de São Bento. “Foi muito, muito honrante, inclusive eu guardei até o folheto onde está escrito: missa jubileu de ouro”.

Geraldo conta que está na instituição desde que chegou, há 64 anos. “Eu me aposentei e continuei empregado da Associação São Bento de Ensino. O Luiz Felipe diz para mim que tinha uns 12 anos quando me conheceu. Ele era um moleque alto. Nós crescemos juntos”.

Geraldo conta que antigamente

havia procissão e que os estudantes do São Bento participavam. “Eu arrumava pó de café para ajudar os alunos a enfeitarem as ruas. Tantas coisas boas que a gente já passou”, recorda ele. “Como o Professor Waldemar que começou sendo aluno, depois professor, depois

coordenador. Deixou muita saudade. Gostava muito dele tanta gente boa que não esquecemos, como Ulisses, professor de matemática que foi também do EEBA”.

Passou chamada durante 25 anos. Com isso, ficava conhecendo cada aluno e acabou sendo muito que-

rido. Com isso, aonde vai sempre tem algum ex-aluno que se lembra dele e faz festa! “Foram muitos alunos. Agora não faço mais chamada, mas conheci muito professor bom que passou pela Uniara, tanto policial, tanto coronel, juiz que passou por mim”.



O inspetor de alunos Geraldo Alves de Moraes

### Família

Geraldo brinca que namorou durante 20 anos a mesma mulher, Divina de Jesus Moraes, e se casou com ela em 1987. O casal não teve filhos. “Faz 49 anos que estamos juntos”, comemora, contando que a esposa é aposentada do Sesi.

Hoje ele tem sua casa, mora na Vila Xavier e está tranquilo. “Quero ter boas amizades com todo mundo. Minha alegria é ver como os alunos gostam de mim. Um dos alunos em especial é médico hoje. E eu entreguei ele para seu pai quando ele enforcava aula, pois eu recebia as cartelinhas em 68 no portão. O pai dele me disse que ia castigá-lo tirando a moto dele, mas que era para o bem dele. Hoje ele agradece, pois se tornou um médico. Não sabe o que faz comigo”, conta com alegria, mas não era essa a sua prática, pois ajudava muitos os alunos como podia. “Muitos alunos chegavam de sábado e perguntavam se havia uma sala para eles estudarem. Eu arrumava. Os que tinham aula à noite eu passava a chamada e eles ficavam até às 23 horas, mas muitos me

pediam para ficar mais tempo para que pudessem estudar e alguns chegavam a ficar, por vezes, até às seis horas da madrugada. Ficava com eles, fazia um cafezinho. Tinha também as alunas de pedagogia que no dia da formatura me fizeram um cartão. Elas choraram, me agradeceram o cafezinho. Meu patrão estava lá escutando tudo(risos)”.

Tanta coisa se passou, festas, colaborou com a banda marcial da escola. Aos domingos a pedido do Dr. Walter Mauro não se furtava de ir abrir a escola para os estudantes concertarem os instrumentos musicais. “Ah, como esse homem foi bom pra mim. Nunca poderia negar um pedido a ele”.

Questionado se não tinha vontade de estudar trabalhando em uma instituição de ensino, ele responde que tinha que trabalhar para sobreviver, mas que se interessava pelas aulas do Jurandir, professor de latim. “Eu ficava ouvindo, mas não entendia nada, pelas aulas de canto da Dalvasira. Captando a gente sempre aprende alguma coisa quando se convive na sociedade”.

Foto: Caetan Neri